



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

IRENE E FLORIPES: A REPRESENTAÇÃO DICOTÔMICA DOS PAPEIS FEMININOS EM “O VOO DA GUARÁ VERMELHA”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Elisângela Araújo Silva; Mariana Nunes Ribeiro de Farias

Universidade Federal de Campina Grande

eliaraujo@hotmail.com

UFPB/UAB

mariananrf@gmail.com

INTRODUÇÃO

Discutir a condição e os espaços ocupados pela mulher nas produções literárias (seja como autora, narradora ou personagem) implica a desestabilização do *status corpus*, pois, desafia a constituição da história literária brasileira- consolidada pela “pena” masculina. Por esse viés, entendemos que o estudo de representações de uma escrita de autoria feminina é um dado importante a ser levado em consideração, pois corrobora para a desconstrução de uma hegemonia patriarcal no discurso literário e, portanto, no discurso social. Dessa forma, a literatura escrita por mulheres reflete, sobretudo, uma perspectiva social do ponto de vista de uma minoria, uma vez que o texto enquanto arte é produzido sob uma metáfora da realidade em que o real e o ficcional se entrelaçam e se imbricam. O texto literário usa o substrato da vida para provocar, atestar, contestar e sugerir a realidade.

Neste sentido, destacamos a partir de uma leitura do romance *O vôo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, a representação da condição da mulher em duas personagens: *Irene* e *Floripes*, sendo a primeira a protagonista do romance e sob essa condição tem maior destaque na narrativa, enquanto que a segunda é apenas uma personagem secundária das histórias de Rosálio, com ênfase em relação à função e importância da mulher



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

no tocante ao seu papel público e privado na instituição casamento. O romance reflete vozes dissonantes se comparado aos romances de ideologia dominante, pois Maria Valéria Rezende inscreve, ao contrário do que ocorre nas representações femininas tradicionais, o descentramento de identidades, por meio do deslocamento de papéis, como veremos mais adiante.

Quando direcionamos um olhar mais atento para as duas personagens e os papéis que as mesmas representam. A análise interpretativa se volta para o modo como Irene e Floripes são construídas diante do relacionamento amoroso e a pressão social que influencia a vida de cada uma. Com base nas similaridades e particularidades das personagens apresentamos um estudo comparativo em que as convergências e divergências nas atitudes das mesmas favorecem a discussão em torno da quebra dos possíveis papéis, os quais a mulher desempenha na sociedade e como isso reverbera a partir da obra literária.

2 MULHER E A QUESTÃO DE GÊNERO NA LITERATURA

Ao considerar a história literária tradicional, cujo espaço fora destinado, sobretudo, aos autores e suas obras, fica evidente a exclusão da escrita de autoria feminina na formação do cânone literário brasileiro. Numa breve observação da literatura “oficial” do nosso país, deparamo-nos com o texto numa concepção fechada, constituída no período da estética romântica e que, por sua vez, abarca uma produção totalmente dominada pela escrita masculina. O que, conseqüentemente, destina às escritoras desses períodos, o silenciamento. Com a estética moderna, entretanto, observa-se a ascensão de alguns nomes. Contudo, a visibilidade de escritoras que hoje constituem um panorama da escrita de autoria feminina no Brasil, de uma forma geral, dá-se graças aos reflexos do movimento feminista, a partir da década de 1960, cuja mudança fora significativa no modo como a sociedade concebia as relações de poder e, portanto, como essas relações, mais tarde, seriam percebidas no campo da literatura. Assim, os problemas sócio-históricos concebidos como determinantes- também- da produção literária foram postos em questionamento (ZOLIN, 2009, p.217).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Pensar nessa delimitação nos espaços sociais e políticos é repensar também o seu lugar na literatura, lugar esse relegado à margem, por muito tempo, através dos

[...] discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação. Tais discursos não só interferem no cotidiano feminino, mas também acabam por fundamentar os cânones críticos e teóricos tradicionais e masculinos que regem o saber sobre a literatura (ZOLIN, 2009, p.218).

Assim a crítica feminista busca trazer à tona a importância da construção de novos discursos de autoria feminina, que possam resgatar o lugar das mulheres também no plano da escrita literária.

Desde os primeiros relatos (isolados) das ideias feministas no Brasil até o movimento propriamente dito e sua repercussão, é possível perceber que a história das mulheres é marcada por contradições e por oscilações. Se hoje temos publicações assinadas por mulheres e somado a isso, a mulher descrita por ela mesma, devemos às mulheres de outrora, que entre a invisibilidade e a (pouca) visibilidade na história (seja do ocidente ou oriente) conseguiram trazer para a cena a “questão da mulher”. Assim:

[...] se as relações entre os sexos se desenvolvem segundo uma orientação política e de poder, também a crítica literária feminista é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social. Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura (ZOLIN, 2009, p.218).

3. VALÉRIA REZENDE: POR UMA AUTORIA FEMININA NA PARAÍBA



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No que concerne à Literatura Paraibana, o laconismo ainda é um problema, pois num percurso histórico da nossa tímida Literatura são escassos os nomes que configuram uma escrita literária de autoria feminina na tradição canônica nos séculos XIX e XX. Sendo apenas a partir do final do século XX é que encontramos uma forte resposta ao laconismo, ainda que seja rara a localização de escritoras se comparado aos escritores.

Hoje, dentre as escritoras reconhecidas no cenário paraibano, senão dizer no cenário da literatura nacional, Maria Valéria Rezende tem se revelado como voz feminina de grande importância na contemporaneidade. A autora possui mais de 14 títulos publicados, entre narrativas e poesia infantil. Possui três formações, a saber: língua e Literatura Francesa, Pedagogia e Sociologia. Destaca-se pelos seguintes prêmios: com o livro de contos “Modo de apanhar pássaros à mão” recebeu o prêmio Altamente Recomendável, FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), 2007; com “No risco do Caracol” recebeu o Prêmio Jabuti, Câmara Brasileira do Livro, Literatura Infantil, em 2009; foi finalista do Prêmio Jabuti, Câmara Brasileira do Livro, Categoria Juvenil, 2009, com o livro de Haicais “Conversa de Passarinhos”.

No discurso narrativo que rege o estilo da escritora, observa-se a materialização de várias representações que ora se mostra como forma de resistência ao discurso patriarcal, ora se apropria deste e por meio dele lança para o leitor o artifício do questionamento acerca de práticas de uma sociedade patriarcalista.

4 *O VOO DA GUARÁ VERMELHA*: A DICOTOMIA DO FEMININO EM *IRENE E FLORIPES*

Em *O vôo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, os dezessete capítulos, todos intitulados com nomes de cores são construídos em torno do entrelaçamento do encontro amoroso entre Rosálio e Irene. Sendo que a construção desta se afasta de qualquer imagem que formule uma representação “convencional” acerca da figura feminina. Irene é prostituta por profissão, por necessidade e não por escolha. Tem um filho que relega aos cuidados de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

uma “velha”, é pobre, doente e está a espreita da morte. Não há sensualidade, nem formas, nem beleza física. Ela é puta:

[.. a boca de Irene, profissional, mantém o arremedo de sorriso, os dedos treinados encontram os botões da camisa e seguem além, empurra-o para a cama, o melhor modo de vencer de vez esta vontade enorme de dormir, fazer o que tem de ser feito, rápido nem despe o vestido (...) as mãos de Irene, profissionais, eficientes, a camisinha, os movimentos rápidos e pronto, acabado, agora é receber o dinheiro, pô-lo para fora do quarto, lavar-se e dormir, dormir, dormir (REZENDE, 2005, p. 16-17).

Há no desdobramento da narrativa, costurado pelos personagens principais, histórias de suas vivências que incluem outros personagens, entre eles, Floripes, o grande amor de João dos Ais. Irene, feia, magra, doente é detentora do poder da escrita; enquanto que Floripes, moça bonita, formosa, educada tem o poder sobre João Santeiro. O espaço, na primeira instância da narrativa revela um lugar privado, no qual Irene mora e exerce sua profissão: o quarto. Este ambiente está totalmente ligado à representação da protagonista, pois ele é o seu lugar de “descanso” e de trabalho, o lugar em que já fora vítima de violência física cometida por clientes, lugar também do erotismo que se mistura ao desespero. Entretanto, há durante o romance um deslocamento que pode se configurar como fuga dessa realidade: o espaço da memória conduzido por Rosálio. Neste segundo plano da diégese, à medida que Rosálio adentra a vida de Irene, há um deslocamento de histórias. Já que para Floripes o espaço privado que particulariza sua vida é a residência, a casa onde vive com o marido, que ao mesmo tempo em que representa a pacata realidade conjugal, a silencia por não representar as aventuras que um dia sonhou em viver com um cavaleiro que a levaria para longe de sua terra natal.

O texto apresenta um mosaico de expectativas em que as personagens, através de seus sonhos e anseios, enriquecem a discussão no tocante à representação de papéis femininos. A obra nos mostra como as carências das personagens acabam favorecendo o surgimento de um amor que liberta de suas realidades, que provocam e por vezes preenchem vazios. E, notadamente, as personagens tentam abrir mão de suas realidades cotidianas em nome da possibilidade de vivenciar um amor livre de convenções sociais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A protagonista é uma mulher soropositiva e apesar da condição social é ela que se mantém, vive nas dependências de um precário bordel de onde fatura migalhas prostituindo seu corpo a fim de prover as necessidades do seu filho e da “velha”. Já Floripes faz parte de uma das histórias lembradas por Rosário em uma das tantas narrativas contadas por ele para encantar Irene. Floripes foi uma jovem que “escolheu seu destino: casar-se com um cavaleiro, herói de muitas batalhas, que a levasse pelo mundo a viver em aventuras, não queria se casar com rapaz de sua terra que tivesse por futuro viver no mesmo lugar” (REZENDE, 2005, p. 81).

Porém, o cavaleiro não chegara, conforme seus sonhos e, Floripes, acaba casando com seu maior admirador, João Santeiro, um homem simples da comunidade, que ganhava a vida produzindo esculturas de madeira. Por outro lado, o sonho de João era casar-se com Floripes “construiu uma casa, plantou um jardim de flores, plantou muito pé de fruta, mandou pedir a mão dela mesmo sem ser cavaleiro” (p.83), e quando tal fato aconteceu passou a realizar tudo o que lhe era possível na intenção de fazê-la feliz.

Floripes começa a viver sua realidade conjugal de forma passiva e, aparentemente, aceita o seu cotidiano:

(...) a mulher tudo aceitava, em silêncio, mas contente, que João lhe via o sorriso e uma alegria nos olhos, cuidava dele e da casa e, quando acabava a lida, sentava-se na oficina pra ver ele trabalhar, lhe pedia que cantasse, ele cantava, ela ouvia, fechava os olhos, sorria, depois dizia, baixinho, “meu João, eu lhe quero bem”, e João santeiro pensava: “ninguém neste mundo pode ser mais feliz do que eu”(REZENDE, 2005, p. 83).

É possível a tomada do lar como espaço privado e nele é relegado à mulher as atividades domésticas e, especialmente na narrativa, a condição de Floripes se volta para viver em função do “seu homem”. Embora a personagem seja descrita como “contente”, ela decide romper com essa obrigação.

Irene e Floripes se encontram e se desencontram: a primeira, prostituta fadada a viver às margens da instituição casamento e a segunda, moça de família que sonha com o cavaleiro, aos moldes dos contos de fadas, tendo o casamento como finalidade na vida. As personagens



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

representam papéis públicos bem distintos, uma prostituta, doente e mãe solteira, enquanto que a outra teve a oportunidade de freqüentar escola, teve uma estrutura familiar com residência fixa onde vivia com pai e mãe. Duas realidades cercadas pelos elementos que interferiram nos desejos. Irene que já havia vivido um amor ao conhecer Rosálio voltou a sonhar apesar de ter consciência do seu pouco tempo de vida:

Irene ficou deitada, não porque estivesse fraca, até se sentia bem! mas queria estar sozinha para pensar com mais sossego nas coisas que ele dissera, lembrar como, por palavras ditas com a boca ou com as mãos, cortara pela raiz a planta de desespero que havia crescido nela e em seu lugar semeara satisfação e desejo de ainda viver de amor, por pouco tempo que fosse, pouca vida que tivesse, antes tarde do que nunca (REZENDE, 2005, p. 77).

Ante as suas frustrações, Irene imagina os sonhos de um relacionamento feliz e a profissão de professora, ambos não realizados, mas ganha uma sobrevida com a chegada de Rosálio, realiza, através dele, o sonho de ser professora – quando o ensina a ler- e de viver um casamento – quando passa a viver no mesmo quarto com Rosálio- mesmo que por um curto espaço de tempo, mas a satisfação de cuidar, de se doar para um homem aflora nela:

Irene há tempo espera acordada mas contente, embalada pelo leve ressonar do homem na cama, coisa que ela se orgulhava de nunca ter permitido, homem dormindo com ela para depois querer ser dono?, sou puta mas não sou besta pra macho nenhum me encilhar!, mas agora é diferente porque este é diferente, parece que já desperta, dá gosto lhe oferecer café com pão e ovo frito[...] (REZENDE, 2005, p. 49).

Observamos que Irene, ao contrário de Floripes, se recusa a criar laços com alguém que tente prendê-la, para ela a consciência de que uma relação amorosa não se caracteriza como a de propriedade é algo bastante claro, do mesmo modo que percebemos em sua fala o reconhecimento do papel social que a mesma exerce quando se define como “puta”, uma definição pejorativa carregada de um discurso preconceituoso definidor de uma sociedade



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

patriarcal, machista. Mas, apesar de se localizar no âmbito social, tal condição não a desumaniza afinal Irene não é apenas uma prostituta, é uma mulher, é mãe e amante, que se deita com vários homens para satisfazê-los, mas que gostaria de se deitar e satisfazer só a um, Rosálio. A vida difícil de Irene não a impede de sonhar de viver uma relação estável com alguém, o sonho de ter uma família e largar a prostituição.

Enquanto Irene sonhava com uma relação estável, Floripes fora envolvida pelas investidas de sedução de João Santeiro e casa-se com um homem simples que a venerava, mas o desejo de viver aventuras, de sair pelo mundo na garupa acompanhada de um cavaleiro encantado era latente na personagem. A vida matrimonial que João Santeiro havia proporcionado agradava a personagem, mas não a satisfazia, de modo que, passado algum tempo após o casamento, com a chegada de um aventureiro o coração de Floripes foi surpreendido por:

[...] um tal de Beto do Fole, de nome inteiro Lamberto, como um dos Doze de França, que trazia pendurada uma sanfona dourada como se fosse um escudo, tinha um chapéu com um chumaço de penas de arara azul, vestia cetim vermelho, qual mouro de cavahada e, pra completar o espanto, não veio a pé nem de carro, vinha de motocicleta, soltando fumo e trovão, era um sanfoneiro andante, vivia de festa em festa pelo meio do sertão [...] (REZENDE, 2005, p. 84).

A presença do aventureiro galanteador na comunidade mexeu com as emoções de Floripes. E não tardou para que o assédio que o sanfoneiro fazia a todas as mulheres da redondeza chegasse até a moça e ela diante da postura cavalheira e encantadora não resistiu aos encantos do homem que a levaria para viver as aventuras sonhadas por ela. Floripes então abandona João Santeiro deixando para trás a “segurança” da vida conjugal que ele havia proporcionado e que o fazia acreditar que seria bastante para viver feliz. A partir do acontecido o marido traído passa a ser chamado de João dos Ais tamanho era o lamento, a tristeza que passou fazer parte do seu cotidiano permeado pela esperança de que um dia ela voltaria.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Passado algum tempo João dos Ais abre a porta da casa e vê Floripes de volta abatida, maltratada e mal vestida, imediatamente, o marido acolhe a mulher que voltava a ser sua esposa. Ele retoma os cuidados que tinha com ela, porém, a sociedade local não aceita o comportamento de João e nem a volta de Floripes:

[...] o povo não achava que tudo era como antes, o fálatório correu por cada rua, cada beco, entrou em cada varanda, sala, cozinha, bodega, farmácia e banca de feira, ganhando força e maldade a cada passo que dava, que João Santeiro, guampudo, com Floripes, vagabunda, eram uma grande vergonha pra toda a gente decente que vivia no lugar, que era caso de polícia, de processo no juiz, de condenação de padre, quem sabe de excomunhão [...] o jeito era liquidar o assunto na pedrada (REZENDE, 2005, p. 86).

Com receio do poder coercitivo da sociedade, João foge com Floripes para o interior de uma mata onde encontra uma casa abandonada e lá reconstrói sua vida com a esposa, onde a vida pacata, em contato com a natureza passa a preencher os dias do casal. Nesse momento da narrativa é possível perceber o preconceito das pessoas que viviam no vilarejo e como isso a forma como é Floripes passa a ser vista pela comunidade e como isso interfere no modo com João dos Ais a esconde do vilarejo. O narrador se vale de uma relação intertextual com a Bíblia quando traz para a cena narrativa o desejo do povo diante da traição de Floripes: que o jeito “era liquidar o assunto na pedrada”. Embora tente esconder o seu relacionamento com a moça, o personagem a aceita de volta, até que numa noite o ronco da motocicleta de Beto do Fole se aproxima, o casal ficou surpreso e o sanfoneiro aventureiro não precisou dizer uma única palavra diante de Floripes, que chorou ao vê-lo e o acusou de não valorizá-la, no entanto, bastou ele pegar a sanfona e fazer alguns versos que Floripes subiu na garupa e novamente sumiu com o seu algoz. Esse desfecho voltaria a se repetir porque Floripes não amava o seu marido ao ponto de querer ficar ao seu lado, recorrendo sempre às emoções e aventuras que Beto do Fole podia lhe proporcionar, mesmo sabendo que o mesmo não a tratava bem como



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

seu marido, No entanto, sempre que era abandonada pelo amante voltava para o marido até abandoná-lo mais uma vez.

A obra parte de um dado real, assim como afirma Candido, (1976, p.40) “... o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” As histórias das personagens em questão retratam tantas outras histórias de mulheres que apesar de suas limitações cotidianas não deixam de sonhar, de querer viver a vida intensamente seja por pouco tempo a ser vivido como acontecia com Irene, dada a sua patologia que limitava seus dias, seja pelo limite da aventura conforme acontecia com Floripes, que por várias vezes quis acompanhar “o cavaleiro” que a fazia sair do lugar comum para ver e viver o mundo.

Irene e Floripes divergiam no tocante a convenção do casamento, já que aquela, na condição de prostituta, enquanto que esta era considerada moça para casar, porém, a narrativa as aproximou quando Floripes decide abandonar a estabilidade do seu casamento para viver seu sonho que era aventurar uma vida distante dos ditames da sociedade da qual pertencia e isso a fez ser vista pela sociedade de forma preconceituosa. Essas personagens tão distintas em seus papéis públicos convergem quando decidem abrir mão de suas realidades para assumir o que de fato eles queriam mesmo que para tanto tiveram que se reinventar para se assumir como mulher que sabe e luta pelo que quer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da análise, percebemos que as identidades das personagens são marcadas pelo processo de desconstrução de papéis tidos como “feminino”, principalmente no que concerne ao espaço privado. Irene, apesar de entregar-se aos cuidados de Rosálio, chega a ter uma independência sentimental e ela que não admitia que homem algum lhe controlasse a vida e nem dividisse sua cama, se vê envolvida com um cliente.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Irene encontra não apenas liberdade nas histórias de Rosálio, mas também a possibilidade de uma sobrevivência em que a vontade de estar junto do outro de cuidar e dividir a vida a faz criar expectativas e esperanças de viver ao lado de alguém e deixar de ser de muitos para ser dó de um, um amor, um companheiro. Floripes entrega-se ao casamento com João Santeiro, cuida da casa e do marido até gosta do personagem, no entanto, encontra sua liberdade na fuga com outro homem.

As personagens em questão, apesar de ocuparem papéis distintos na estrutura social da qual faziam parte, buscaram a felicidade, a realização pessoal, mesmo que para tanto a própria imagem, no caso de Floripes, tenha se desgastado física e socialmente, e no caso de Irene nem mesmo a limitação imposta por sua condição profissional e patológica a impediu de deixar-se aproximar de um homem livre da condição de cliente, de sonhar em ter uma vida em comum com ele e até mesmo de tê-la vivido nos seus últimos dias, enquanto eles desfrutaram de uma rotina de um casal convencional. A ficção de Valéria Rezende discute dois papéis que legitimamente atestam a coragem e a disposição feminina em sonhar, querer e lutar por aquilo que humaniza a todos: a felicidade.

6 REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio et al (Orgs). **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, Constância Lima. Literatura e feminismo no Brasil: primeiros apontamentos. In: MOREIRA, N. M. de B; SCHNEIDER (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

REZENDE, Maria Valéria. **O Voo da Guará Vermelha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ZOLIN, Osana. Crítica feminista. IN: BONNICI, Thomas ; ZOLIN, Osana (org.) **Teoria Literária: tendências históricas e abordagens contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem,2009.